



DEPOIS DA ABOLIÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DO SOFRIMENTO DOS AGREGADOS EM OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Hiago José Martines da Silva (UFMS/CPAQ)
hiago.martines@ufms.com

José Alonso Torres Freire (UFMS/CPAQ)
jose.freire@ufms.br

Resumo: Este trabalho analisa a representação dos agregados, herdeiros dos efeitos da abolição da escravidão, nas obras de Monteiro Lobato, autor fundamental para a formação de leitores brasileiros no século XX. O estudo tem como objetivo compreender como os personagens marginalizados aparecem em contos como “*Negrinha*”, “*O Jardineiro Timóteo*” e “*Os negros*”, buscando evidenciar a postura crítica do autor diante das desigualdades sociais do período pós-abolicionista. A pesquisa adota método analítico-interpretativo, apoiando-se em referencial teórico de estudiosos do Modernismo, como Wilson Martins e Alfredo Bosi, e da crítica literária, como Antônio Cândido e Marisa Lajolo. A análise dos textos revela que as narrativas se situam no início do século XX e apresentam personagens em situações de opressão, mas tratadas com empatia e solidariedade narrativa, refletindo a atenção do escritor às consequências sociais da escravidão. Observa-se, ainda, que Monteiro Lobato valorizou escritores negros, como Lima Barreto, cujo romance “*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*”, fora editado por ele. Conclui-se que sua produção literária manifesta uma visão crítica e sensível das desigualdades históricas brasileiras, afastando interpretações simplistas sobre sua postura social e revelando a complexidade do pensamento do autor.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; agregados; representação; Monteiro Lobato.

Resumen: El trabajo analiza la representación de los agregados, herederos de los efectos de la abolición de la esclavitud, en las obras de Monteiro Lobato, autor fundamental para la formación de los lectores brasileños en el siglo XX. El estudio tiene como objetivo comprender cómo aparecen personajes marginados en cuentos como “*Negrinha*”, “*O Jardineiro Timóteo*” y “*Os negros*”, buscando resaltar la postura crítica del autor frente a las desigualdades sociales del período post-abolicionista. La investigación adopta un método analítico-interpretativo, basado en el marco teórico de estudiosos del Modernismo, como Wilson Martins y Alfredo Bosi, y de la crítica literaria, como Antônio Cândido y Marisa Lajolo. El análisis de los textos revela que las narraciones están ambientadas a principios del siglo XX y presentan personajes en situaciones de opresión, pero tratados con empatía y solidaridad narrativa, reflejando la atención del escritor a las consecuencias sociales de la esclavitud. También se observa que Monteiro Lobato valoraba a escritores negros, como Lima Barreto, cuya novela “*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*”, había sido editada por él. Se concluye que su producción literaria manifiesta una visión crítica y sensible de las desigualdades históricas brasileñas, alejándose de interpretaciones simplistas de su postura social y revelando la complejidad de su pensamiento.

Palabras clave: Literatura Brasileña; agregados; representación; Monteiro Lobato.



Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a representação dos agregados, virtuais “herdeiros” dos efeitos da abolição da escravidão, em obras de Monteiro Lobato. Suas obras nas primeiras décadas do século XX, representam esses personagens, que carregam no corpo e no percurso as marcas da escravidão recente — vítimas de maus-tratos e autoritarismo, invisíveis aos olhos da elite urbana e rural. Por mais que sua contribuição seja ímpar para o desenvolvimento da sociedade brasileira, Monteiro Lobato ainda recebe diversas críticas anacrônicas sobre o teor de suas obras, direcionando o entendimento das pessoas sobre o autor a uma opinião que, segundo nossas análises, não procede.

Para a consecução desse objetivo, analisamos como os personagens marginalizados aparecem em contos como “*Negrinha*”, “*O Jardineiro Timóteo*” e “*Os negros*”, do livro *Negrinha* (2019), buscando evidenciar a postura crítica do autor diante das desigualdades sociais do período pós-abolicionista. A pesquisa adota método analítico-interpretativo, apoiando-se em referencial teórico de estudiosos do Modernismo, como Wilson Martins e Alfredo Bosi, e da crítica literária, como Antônio Candido e Marisa Lajolo. Além de suas obras, analisamos *Críticas e outras notas* (2009), obra na qual Monteiro Lobato explicita diversas opiniões sobre a sociedade, e suas narrativas ficcionais, como aquelas presentes em *Negrinha e outros contos* (2019) e sua biografia *Monteiro Lobato - Furacão na Botocundia* (AZEVEDO, CAMARGOS E SACCHETA, 1997).

A análise dos textos revela que as narrativas se situam no início do século XX e apresentam personagens em situações de opressão, mas tratadas com empatia e solidariedade pelos narradores, refletindo a atenção do escritor às consequências sociais da escravidão. Observa-se, ainda, que Monteiro Lobato valorizou escritores negros, como Lima Barreto, cujo romance “*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*”, fora editado por ele. Conclui-se que sua produção literária manifesta uma visão crítica e sensível das desigualdades históricas brasileiras, afastando interpretações simplistas sobre sua postura social e revelando a complexidade do pensamento do autor.

1. Monteiro Lobato, personagem polemista e complexo



Nascido em 1882, apenas seis anos antes da abolição da escravidão, Monteiro Lobato cresceu em uma época marcada por grandes lutas do povo marginalizado, recém libertos do regime escravocrata brasileiro. No período pós-abolicionista, marcado pelo grande crescimento econômico da elite brasileira, os trabalhadores pouco apareciam em narrativas ficcionais. Monteiro Lobato, que desde muito novo buscava uma representação realista do povo brasileiro, enxergou no trabalhador rural sua fonte de inspiração e crítica.

O polêmico personagem Jeca Tatu foi um personagem importante para o início dessa busca identitária de Monteiro Lobato. À mercê de suas próprias mãos, o pobre homem do campo vivia doente, mal vestido e sem estudo. A princípio condenando a ignorância do personagem, mais tarde o autor reavaliará sua visão, revelando a negligência governamental perante o trabalhador rural. Mais tarde, ainda discorrendo sobre as precariedades do povo, enxergou nos ex-escravizados mais um elemento identitário da nação brasileira e denunciou a negligência e o descaso da elite nacional.

No conto “Negrinha”, Monteiro Lobato descreve o sofrimento de uma criança herdeira dos anos de escravidão pelas mãos de uma personagem que se dizia uma benfeitora e serva de Deus. Na narrativa, o autor desenvolve temas como exploração contra os mais vulneráveis por aqueles com poder e privilégios, além da crueldade oriunda da época da escravidão. A linguagem pejorativa usada por sua “benfeitora”, D. Inácia, para se referir à personagem e a maneira como é tratada, mostram que ela é uma “herdeira” direta da crueldade desde a escravidão. Outro aspecto que aparece no conto é a hipocrisia da elite, que transparece no diálogo de D. Inácia e do padre que a visita, em que a senhora coloca a criação de Negrinha como uma caridade, enquanto, em particular, literalmente tortura Negrinha até a exaustão desta. Assim, o autor representa nessa narrativa a insensibilidade em relação aos menos afortunados e a agressão física e psicológica, além da profunda solidão de Negrinha, obrigada a ficar horas parada num canto como castigo. Uma cena de bastante impacto é o castigo infligido a Negrinha porque ousou reclamar quando lhe tiraram algo do prato de comida:

Negrinha abriu aboca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. (LOBATO, 2019, p.07)

Se já tinha sido vítima ao tirarem um pedacinho de carne de seu prato, a cena mostra bem que Negrinha era tratada como virtual escrava, descendente que era dos antigos



escravizados. A narrativa explicita a ligação dessa senhora com os tempos anteriores à Abolição, pois o narrador afirma: “(...) o 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana.” (LOBATO, 2019, p.06)

O conto demonstra, assim, que a estrutura escravocrata, embora tenha sido formalmente abolida, ainda reverberava com força na intimidade das casas. A conversa de D. Inácia com o padre também apresenta a crítica à complacência da Igreja católica com essa situação. Mesmo após a morte da criança, o autor mostra o descaso com a personagem, enterrada em vala comum.

Em suas representações de figuras brasileiras, no mesmo livro *Negrinha* (2019), Monteiro Lobato narra a vida de um trabalhador que dedicou sua vida a cuidar do jardim de seus antigos senhores. No conto “O jardineiro Timóteo”, temos a vida de um ex-escravizado que, mesmo após a alforria, ainda trabalhava na fazenda como jardineiro. É uma história interessante que serve de documentação histórica do que muitas vezes acontecia na época pós-abolição. Mesmo visto como parte integrante da família à qual servia, o jardineiro ainda é negligenciado, uma vez que o narrador o descreve como um artista, colocando suas reflexões em atenção às cores das plantas e demais características, associando cada planta do jardim com um componente da família. A questão racial é bem presente nesse conto já que o personagem é quase invisível ali. O jardineiro Timóteo é abandonado à própria sorte quando a família vende o sítio, mostrando como na pós-abolição os ex-escravizados viviam às margens da sociedade. É interessante notar que, mesmo inferiorizado por sua condição de agregado, o personagem se recusa a servir aos novos senhores, que desejavam tirar aquelas “velhas” plantas e colocar no lugar o que se usava de mais “moderno” naquele momento.

É evidente que a abolição não evitou as diversas formas de escravidão mesmo após 1888, e é justamente esse o ponto que o conto “Os Negros”, da mesma obra de Monteiro Lobato, torna visível ao leitor. A narrativa apresenta a história de João, um antigo agregado dos tempos escravistas que, embora juridicamente libertado pela Lei Áurea, permanece sujeito às mesmas estruturas de dominação. A falsa promessa de liberdade é denunciada quando o personagem é sequestrado e forçado novamente ao trabalho compulsório, revelando a continuidade da exploração sob novos disfarces. Não há, portanto, ruptura entre escravidão e a pós-abolição, mas uma permanência adaptada às novas necessidades econômicas e sociais da elite. A escrita de Monteiro Lobato para esse conto é carregada de densidade emocional e reflexiva, o que faz da leitura uma experiência introspectiva, convidando o leitor a perceber,



para além dos acontecimentos narrados, as camadas de sofrimento e violência que marcam a trajetória do personagem. O desenlace da narrativa cria um vínculo de empatia entre o leitor e João, deslocando o foco da história do ponto de vista dominante para a sensibilidade daquele que sofre. João, por sua vez, torna-se uma figura simbólica da resistência, pois sua vida expõe a resiliência dos ex-escravizados diante de um sistema que, mesmo após abolido oficialmente, continua a operar sob outras formas de coerção.

Assim, o conto evidencia que a abolição não significou o fim das hierarquias raciais, mas sim uma reorganização delas. A antiga escravidão dá lugar a um regime que mantém a desigualdade, o controle e a exclusão por meio da força, da violência e da dependência econômica. A elite se beneficia dessa continuidade, reafirmando sua posição de dominação sobre aqueles que já eram historicamente marginalizados. Dessa forma, “Os Negros” denuncia, literariamente, que a suposta liberdade concedida em 1888 teve impacto limitado, pois não houve um processo real de integração social, reparação ou ruptura estrutural que garantisse aos libertos condições de vida dignas.

Dentre as três obras analisadas do livro *Negrinha* (2019), é possível notar uma semelhança muita clara sobre quem eram os responsáveis sobre o sofrimento das pessoas agregadas: a elite conservadora, a que via a abolição como ataque aos seus direitos de propriedade. Para tornar mais complexa ainda a situação, havia ideias eugenistas que no começo do século XX pregavam o “embranquecimento” da população com a vinda de imigrantes europeus. Os textos analisados mostram que a Lei Aurea, se assegurou a liberdade formal, não garantiu a inclusão dos negros na sociedade.

2. A militância de Lobato em várias frentes

A busca de Monteiro Lobato por personagens que representassem a realidade brasileira era então uma forma solidária e até crítica de explanar sobre os problemas nacionais, tudo enfeixado numa língua que buscava se aproximar de uma língua popular. Em *Lobato Letrador, 2º Passo* (2017) da historiadora Zöller, há a seguinte citação: “a prosa de Monteiro Lobato, transfere os processos de oralidade para a língua escrita [...] uma viveza, uma naturalidade impressionante [...] Ninguém mais do que ele defendeu o emprego da língua do povo” (NUNES, 1998 p.294, citado por ZÖLLER, 2019, p.13). Essa sua preocupação em mostrar a língua popular, conseguiu dar relevo à voz dos agregados da escravidão, dos quais os personagens analisados são exemplos.



Além dos modos da fala, Monteiro Lobato, como grande apreciador da gente brasileira, desejava descrever as vivências de maneira bem aproximadas da realidade. Para Lobato, a elite que copiava modas europeias em nada se parecia com o povo, como mostra o conto “O Jardineiro Timóteo”. Seu desejo pelo letramento do povo, assim, era nada mais do que o desejo de armar os trabalhadores com conhecimento, para que se protegessem das injustiças.

Ainda em *Lobato Letrador 2º Passo*, Zöler, em um capítulo, faz um vasto comentário sobre o grande sucesso do livro *Urupês*, obra na qual, entre outros aspectos, o autor faz críticas ao coronelismo da época e a persistência de problemas sociais mesmo após a abolição da escravatura, como a pobreza e marginalização dos povos negros. A pesquisadora expõe a opinião de Monteiro Lobato sobre como a literatura abordava as pessoas do povo: “...Ora meu Urupês veio estragar o caboclo do Cornélio – estragar o caboclismo (...)” (ZÖLER, 2017, p.44), referindo-se, nesse trecho, a Cornélio Pena, que Lobato afirma representar uma imagem romântica e idealizada do caboclo, bem diferente de seu personagem Jeca Tatu. Munido com o conhecimento do cotidiano dos trabalhadores, como dissemos antes, Monteiro Lobato narrava a vida dos trabalhadores braçais que, em sua maioria, eram negros agregados oriundos da escravidão, o que abria margem para que suas vidas fossem representadas enfim na literatura brasileira

Além da atuação literária, o autor também militava na imprensa e em outras frentes. O livro *Monteiro Lobato – Furacão da Botocundia* (1997) comenta a obra “O Saci-Pererê: resultado de um inquérito”, na qual, Lobato, em busca de resgatar a identidade nacional em uma crença popular, utiliza uma técnica para descrever o personagem. A obra mostra como o autor promoveu uma pesquisa em 1917 sobre o personagem folclórico Saci, convidando os leitores a enviarem suas histórias acerca dessa figura. Os resultados vinham de diferentes lugares, mas algo em comum era bem visível. Se, no estilo, as histórias:

variavam, elas conservavam, em comum, o mesmo tipo de fonte para explicar as origens do mito: o saci era fruto do relato dos negros – alguns dos quais ex-escravizados – empregados em fazendas dos pais ou avós dos leitores. (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETA, 1997, p.157).

O episódio mostra bem que Lobato buscava intervir na sociedade para valorizar a cultura popular, os elementos que fomentavam as histórias contadas pelas pessoas. Bastante crítico sobre o estrangeirismo, Monteiro Lobato destacava os personagens do folclore através de relatos de trabalhadores que o autor conhecia desde pequeno na fazenda de seu avô, o Visconde de Tremembé. Mesmo após a abolição, os negros que lá trabalhavam continuaram



agora sob a condição de assalariados, e por meio deles o autor obteve seus primeiros relatos sobre as vivências da escravidão. Nessa biografia de Monteiro Lobato, além da vida pessoal do autor e suas relações próximas, há muitas referências sobre como seus processos criativos partiram do espaço bucólico da fazenda e foram transfigurados pela imaginação do autor em suas narrativas, cheias de críticas e solidariedade para com as pessoas do campo.

Além de escritor de narrativas literárias, Monteiro Lobato por muitos anos dedicou a sua vida ao espaço editorial e ao jornalismo e à crítica literária. Antes de publicar *Urupês* (1915) e *Negrinha* (1920) o autor já resenhava obras e editava alguns textos para a publicação no jornal “O Estado de São Paulo”. A partir desses textos publicados em jornal é que Monteiro Lobato compilou suas obras que reúnem contos. Sua visão nacionalista era já muito conhecida pelo público leitor, bem como suas severas opiniões perante a sociedade brasileira. Uma das mais polêmicas críticas de Monteiro Lobato fora contra o estrangeirismo que havia chegado ao Brasil por meio de uma modernização artística: *A Semana de Arte Moderna* em 1922. Apesar de ter recebido o convite para fazer parte do grupo de artistas, o autor recusara, reprovando o que ele compreendia como os maneirismos europeus das ditas novas formas de arte. Uma de suas opiniões mais famosas sobre o movimento é um comentário sobre a pintora Anita Malfati, publicado no jornal do *Estado de São Paulo*:

Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes através de uma obra torcida para má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. [...], entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama de arte moderna [...] põe todo o seu talento a serviço da nova espécie de caricatura (LOBATO, 1922. P.61)

Apesar de repudiar o movimento e das duras críticas, Monteiro Lobato chegou a editar e publicar alguns autores modernistas, sendo um deles Oswald de Andrade. No livro *Crítica e Outras Notas* (2009), que compila algumas resenhas críticas e reflexões de Monteiro Lobato publicadas pelos jornais de 1917 a 1923, a introdução traz alguns comentários sobre o autor e, segundo Camargos (2009), assim se pronuncia sobre Oswald de Andrade:

Para ele, se o artista não interpretasse de maneira criativa o que se passa na alma de nossa gente, acabaria se tornando um simples arremedo pueril e fugaz. Desse mal padecia *Os condenados*, de Oswald de Andrade, um dos líderes do movimento modernista. O fato de ter sido lançado pela própria editora de Lobato não o eximiu de defeitos. (CAMARGOS, 2009, p.18)

Ao adquirir a editora *Revista do Brasil*, chamando-a posteriormente de *Lobato e Cia*, o autor editou e lançou diversos artistas modernistas. Um dos contemplados foi Menotti del



Picchia com o livro *O Homem e a Morte*, cuja capa foi encomendada justamente à pintora Anita Malfatti, provando que Monteiro Lobato e os artistas contemporâneos de sua época não tiveram uma ruptura absoluta, mas divergências pontuais. Entretanto, havia aqueles que concordavam com suas duras críticas ao estrangeirismo afobado e maneirismos vindos de fora, como o escritor Lima Barreto.

O autor de *O triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto, foi um dos poucos escritores negros que se destacaram em sua época, apesar de seu reconhecimento só acontecer postumamente. Nunca teve lugar na Academia Brasileira de Letras, era deveras criticado pelo modo com que escrevia seus personagens: realistas, e segundo os críticos, sem muito esforço criativo para inventar personagens, mas era justamente isso que Monteiro Lobato mais admirava em seus textos. Segundo Monteiro Lobato em *Críticas e Outras Notas*, Lima Barreto tinha um estilo peculiar de crítica bem como a escrita. Sobre o romance *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* ele diz:

Nos livros tão cariocas de Machado de Assis o leitor entrevê desvãos do Rio. Machado, criador de almas, raro curava da paisagem urbana. Em Lima Barreto conjugam-se equilibradamente as duas coisas: o desenho dos tipos e a pintura do cenário; por isso dá ele, melhor que ninguém, a sensação carioca. É um revoltado, mas um revoltado em período manso de revolta. (LOBATO, 1919, p.49)

Sua crítica é pertinente, uma vez que as literaturas dos dois autores se assemelhavam em alguns aspectos. Na resenha à obra *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, Monteiro Lobato elogia a paisagem do Rio de Janeiro descrita pelo autor e de como, em sua escrita, a cidade tem uma representação admirável: “O Rio está inteiro nesse livro, nas paisagens naturais, na paisagem urbana, na população caleidoscópica – salada de raças em que o mestiço se esbarra com loiras mulheres gaulesas [...]” (LOBATO, 1919, p.49). Monteiro Lobato, um dos que abriram as portas para o artista, escreveu críticas elogiando a escrita de Lima Barreto, que trazia à luz assuntos raciais e sociais da época, além do nacionalismo. Esse tipo de narrativa, repudiada pelas classes mais altas da época, era a fonte de uma desmitificação, mostrando o que seria o homem real em comparação à imagem literária habitual do brasileiro.

Na terceira parte do livro *Críticas e outras notas*, intitulada “Obras e Artistas”, Monteiro Lobato discorre sobre o livro “Artistas Baianos”, de Manoel R. Querino, o qual reúne biografias e relatos de artistas baianos. Logo no início Monteiro Lobato faz uma observação contundente, na qual descreve a sua ótica em um contexto racial:



Manuel Querino é membro do Instituto Histórico da Bahia e é preto. [...] Ser preto é ser humilde, partir do nada, encontrar na vida todos os óbices do preconceito social e despender para obtenção das coisas mínimas um esforço duplo do requerido [...] (LOBATO, 1917, p.153)

Mais adiante, no capítulo em que resenha sobre o livro de Manuel Querino, Monteiro Lobato reforça a paixão do artesão: “Os escultores da Bahia [...] não eram simples santeiros, eram de fato escultores porque punham na sua obra amor, carinho e individualidade.” (Lobato, 1917, p.154). Discorre ainda sobre o misticismo na Bahia e como os artesãos faziam dos santos imagens redentoras tais quais as dos tempos coloniais. Argumenta ainda sobre como as esculturas baianas foram cedendo espaço para as obras italianas, evocando novamente sua posição contra a valorização das obras importadas.

Diante das opiniões de Monteiro Lobato sobre a obra de Manuel Querino, é perceptível sua compreensão positiva de culturas, obras e artistas muito diferentes da sua. Afirmamos isso a propósito das opiniões polêmicas que o cercam, muitas das vezes fundamentando-se no vocabulário da época, com claro teor anacrônico. O que se constata sobre o que se fala sobre o autor, cotejando com sua intensa atuação pela cultura popular, valorizando inclusive as manifestações oriundas dos ex-escravizados, há um apego a falas consideradas racistas, principalmente nas suas obras infantis.

Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) discutiu sobre o recolhimento do livro *Caçadas de Pedrinho* das estantes das escolas. O motivo apontado para esse recolhimento foram alguns termos “racistas” que o livro supostamente apresenta. Em uma entrevista sobre essa pauta do STF, Marisa Lajolo, uma especialista na obra de Monteiro Lobato, entrevistada pelo jornalista Ederson Granetto, assim se pronuncia sobre a questão e sobre a necessidade de colocar uma nota de rodapé sobre isso na obra:

Eu acho que uma nota da editora, por melhor que seja, é sempre uma interferência, é sempre uma espécie de tutela de gerenciamento na leitura. Eu acho que o texto é auto suficiente pra colocar de forma adequada questões de racismo e preconceito na sociedade brasileira. (LAJOLO, 2012)

A documentação histórica presente nos livros de Monteiro Lobato, ainda mais por se tratar de uma época pós-abolição, é uma ótica muito próxima ao que aconteceu aos agregados e herdeiros da escravidão. Termos considerados hoje racistas, eram na época palavras que jamais eram debatidas, tanto pelo preconceito ainda vigente (até hoje?), mas acima de tudo, pela cultura escravocrata enraizada no país por séculos.



O que podemos dizer a respeito é que a criação de personagens como Negrinha e o Jardineiro Timóteo, dos textos comentados, até a edição de obras de Lima Barreto e Manuel Querino, revelava como Monteiro Lobato poderia ser um progresso diante do pensamento comum de sua época.

A repercussão polêmica que ronda o nome do escritor vem de uma visão anacrônica, uma ótica que não leva em consideração o contexto e o que apresentam as obras adultas de Monteiro Lobato. Sua crítica ao estrangeirismo foi um dos grandes feitos para a literatura brasileira, uma vez que utilizando o trabalhador rural como protagonista de suas narrativas, acabava por criticar o abandono dos mais humildes, expondo a hipocrisia da sociedade. Por uma questão de justiça, é preciso dizer que Monteiro Lobato falou sobre racismo quando nem sequer o termo era tão presente. Seu nacionalismo não era só uma resposta banal ao estrangeirismo, mas também uma valorização das tradições populares. Não é à toa que desejava uma nação leitora, investindo na literatura infantil justamente por esse objetivo: “Ele encarou e enfrentou o letramento como luta interminável [...] (ZÖLER, 2017, p.21).

Retirar as obras infantis de Monteiro Lobato das escolas é, de certo modo, aceitar o apagamento de parte significativa da história literária do país, como se o enfrentamento do racismo só fosse possível por meio da negação e não pelo debate crítico. Ao excluir tais obras do ambiente escolar, perde-se a possibilidade de compreender como as visões de mundo se formaram, se chocaram e se transformaram ao longo do tempo. A presença de Lobato nos materiais didáticos, quando mediada com responsabilidade e orientação pedagógica adequada, permite que se observe o racismo em perspectiva histórica e não como um desvio individual que pode ser simplesmente silenciado. O contexto de sua escrita, tanto a infantil quanto a adulta – pós-abolição, modernização do campo, reorganização dos sistemas de trabalho – é essencial para a leitura consciente de sua obra. Sua literatura não deve ser consumida sem reflexão, mas tampouco retirada em nome de uma suposta correção política. Remover suas obras é desperdiçar uma oportunidade de educar para a crítica, para o desconforto que leva à reflexão e para a leitura contextualizada das tensões sociais brasileiras.

Monteiro Lobato foi um dos pioneiros no debate acerca da identidade brasileira e na valorização das vozes populares, tornando-se figura central para compreender a formação cultural do país no período pós-abolicionista. Sua escrita se destaca pela atenção dedicada ao cotidiano dos trabalhadores, aos modos de falar e viver populares e à realidade concreta daqueles que raramente apareciam como protagonistas na literatura. Ao conceder espaço para



personagens como Negrinha, Timóteo e João nos contos aqui analisados, além do próprio Jeca Tatu, Lobato trouxe à cena literária sujeitos historicamente marginalizados, elevando suas experiências à categoria de narrativa nacional. Além disso, sua participação em debates intelectuais de sua época e sua atuação como editor — inclusive valorizando obras de outros escritores negros brasileiros — consolidaram seu papel na democratização do acesso à leitura e no estímulo ao pensamento crítico. Sua obra, portanto, não apenas entretém, mas educa, provoca reflexão e contribui para a construção de uma consciência social mais ampla, sendo elemento fundamental para o desenvolvimento de um olhar sensível às desigualdades que marcam a história brasileira.

Considerações finais

A relação de Monteiro Lobato com sua época é repleta de contradições, tanto no âmbito artístico como no pessoal já que o autor militava contra a elite brasileira, que copiava modos e movimentos europeus sem reflexão, de acordo com a visão do autor. Com esse olhar, comprehende-se que Monteiro Lobato empreende, paradoxalmente, se consideradas as críticas feitas a ele, uma crítica veemente às chagas deixadas pela escravização de negros africanos, além de valorizar a cultura popular.

Como vimos, especialmente em sua literatura adulta, por meio dos contos analisados aqui, ele dirige um olhar que se poderia dizer afetuoso para os agregados e marginalizados, herdeiros diretos do brutal sistema da escravidão. Assim, podemos ver nos percursos de Negrinha, o jardineiro Timóteo e João alguns aspectos de como esses “herdeiros” sofreram mesmo após a Abolição. Cada um desses personagens, à sua própria maneira, representa o impacto do preconceito em virtude da cor da pele sobre as vidas mais humildes.

A relevância de Monteiro Lobato estende-se também ao campo editorial, uma vez que ele não apenas escreveu, mas atuou ativamente na formação de leitores. Ao fundar sua própria editora e assumir o papel de divulgador de outros escritores, Lobato contribuiu diretamente para democratizar o acesso à literatura, tornando o livro mais próximo das camadas populares. Seu empenho em tornar o ato de ler parte da vida cotidiana mostra sua compreensão do poder transformador da educação e da linguagem. Assim, seu legado não se limita ao conteúdo das obras, mas se concretiza também em sua ação prática em prol da expansão do hábito de leitura no Brasil, criando condições para que mais pessoas pudessem se ver como sujeitos da palavra e da história.



Além disso, a centralidade do povo como fonte de conhecimento em sua escrita revela uma concepção profundamente humanista da literatura. Ao valorizar as narrativas orais, os modos de falar e os gestos cotidianos dos trabalhadores, Monteiro Lobato reconhece neles não apenas personagens literários, mas guardiões de um saber histórico e cultural. Sua obra assume, assim, uma função de preservação da memória viva, da experiência compartilhada e da herança cultural que não está registrada nos grandes documentos oficiais, mas sim na vida cotidiana. Desse modo, Monteiro Lobato atua como um elo entre o passado e o presente, permitindo que a literatura cumpra o papel de transmitir histórias que, de outra forma, poderiam ser apagadas ou esquecidas.

Por fim, é preciso dizer que a análise empreendida aqui não visa a aparar as arestas do perfil de Monteiro Lobato visando torná-lo politicamente correto, como se diria hoje, mas demonstrar a complexidade dessa personalidade que se destacou em tantos campos. Monteiro Lobato é fruto sim de seu tempo, mas também transgressor dos costumes vigentes e criador de grandes obras que sempre merecem a leitura, tais como as narrativas presentes em *Negrinha* e *Caçadas de Pedrinho*, livro que despertou tantas críticas em uma sociedade que ainda é marcadamente preconceituosa. Que essa leitura seja feita com a devida reflexão crítica e a necessária contextualização histórica!

Referências

AZEVEDO, Carmen; CAMARGOS, Marcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato - Furacão na Botocundia**. São Paulo, SP: Editora Senac, 1997.

CAMARGOS, Marcia. **Os 120 anos do nascimento de Monteiro Lobato**. Revista Cult, São Paulo, SP, n. 57, p. 52-66, maio 2002.

CARDOSO, Rafael. **A reinvenção da Semana e o mito da descoberta do Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo, SP, v. 36, n. 104, p. 17-34, abril 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo. **Pelas margens: Representação na Narrativa Brasileira Contemporânea**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2011.

LOBATO, Monteiro. **Críticas e outras notas**. São Paulo, SP: Editora Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha e Outros Contos**. São Paulo, SP: Editora Principis, 2019.

MACHADO, Ricardo. **A questão racial no modernismo brasileiro antes e depois da Semana de Arte Moderna**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, RS, 09 maio 2022. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7812-a-questao-racial-no-modernismo-brasileiro-antes-e-depois-da-semana-de-arte->



moderna#:~:text=Falar%20sobre%20a%20quest%C3%A3o%20racial,constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20arte%20nacional. Acesso em: 27 jun. 2024.

NARLOCH, Leandro. **Achados e Perdidos da História - Escravos**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Estação Brasil, 2017.

REIS, Carlos; LOPES, Ana. **Dicionário de Narratologia**. São Paulo, SP: Editora Almedina, 2007.

UNIVESP. **Notícias Univesp - Racismo em Monteiro Lobato - Marisa Lajolo**. YouTube, 20 set. 2012.

ZÖLER, Zöler. **Lobato Letrador, 2º Passo**. Brasília, DF: Editora Trampolim, 2019.